



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **Sofrimento, homossexualidade e família: um estudo com estudantes universitários da UFRB**

Thiago Barcelos Soliva

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | [thiagosoliva@ufrb.edu.br](mailto:thiagosoliva@ufrb.edu.br)*

Marcos Vinicius Nery Dasmasceno

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | [vinicius.nery@outlook.com](mailto:vinicius.nery@outlook.com)*

Marcus Vinicius Silva Santiago Silva

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | [marcussantiago94@gmail.com](mailto:marcussantiago94@gmail.com)*

**Resumo:** Este estudo busca analisar a produção de narrativas sobre sofrimento psíquico relacionados à gestão da homossexualidade na trajetória de vida de jovens estudantes universitários da UFRB, universidade presente na região do Recôncavo da Bahia. O foco analítico recaiu sobre as relações familiares e a forma como esses jovens manejam seus projetos de vida em meio a dinâmicas de violência e tentativas de silenciamento de suas sexualidades. Os dados produzidos para a construção deste trabalho foram obtidos por meio de entrevistas em profundidade realizadas com jovens de 18 a 30 anos, que se autoidentificam como gays, e são estudantes da UFRB. 1) Nossos interesses de investigação estão concentrados em torno da noção de interseccionalidades ou categorias de articulação, estas pensadas como uma forma de explorar teórico-metodologicamente as conexões possíveis entre diferença e poder; 2) Um dos principais obstáculos encontrados nesta pesquisa se relaciona com a exiguidade de literatura antropológica que se dedique a analisar o sofrimento psíquico entre jovens gays; 3) Esta pesquisa oferece uma contribuição importante a relação entre diversidade sexual, violência e saúde mental. O balanço da literatura brasileira acerca deste assunto evidencia uma carência de trabalhos que se dediquem a analisar as implicações da violência nas trajetórias de vida de jovens gays, sobretudo no que se relaciona à saúde mental; 4) Esta pesquisa oferece contribuição significativa ao campo do ativismo em direitos sexuais, posto que poderá subsidiar propostas de políticas públicas mais efetivas que ampliem a noção de violência para além de sua expressão física.

**Palavras-chave:** Homossexualidade, Sofrimento, Família.

### **Apresentação**

A violência perpetrada contra pessoas LGBT tem estado presente na agenda do movimento LGBT faz alguns anos (RAMOS E CARRARA, 2006). Muito desse interesse tem sido direcionado aos aspectos

espetaculares dessa violência, a exemplo dos assassinatos e manifestações de violência física ocorridas em espaços públicos. Poucas iniciativas se dedicaram a investigar as tramas menos espetaculares dessas violências, ou seja, aquelas dinâmicas de violência mais silenciosas, mas que têm impacto



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero.

considerável na construção da subjetividade desses jovens. Na tentativa de superar essa lacuna, desenvolvemos uma investigação junto a jovens do sexo masculino estudantes universitários da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que se autoidentificam como gays.

Em termos de experiência com estudos a respeito da violência contra LGBT no Brasil, dispomos basicamente de três formas diferentes de pesquisas no tocante à captação dos dados. Uma dessas formas são as coletas de casos de violência elaborada pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), nos quais os registros sobre vitimização de pessoas LGBT, sobretudo homens gays, são obtidos através de notícias publicadas na mídia escrita de todo o país (MOTT & CERQUEIRA, 2003). Essas informações geraram uma série de dossiês e relatórios que têm por mérito despertar a atenção das autoridades, bem como da sociedade civil para os altos índices de violência contra LGBT em todos os estados brasileiros.

Concebido como uma primeira experiência de política pública no campo da segurança, o Disque Defesa Homossexual (DDH) figurou como uma possibilidade de obtenção de dados sobre violência homofóbica no Brasil (RAMOS & CARRARA, 2005). Criado em 1999, esse serviço articulava a Secretaria de Segurança

do Rio de Janeiro (SESEG) com instituições da sociedade civil, bem como pesquisadores de universidades e centros de pesquisa. O grande diferencial do DDH em relação às outras experiências de denúncia de violência contra pessoas LGBT é a capacidade com que esse serviço concatenava a sua função de atendimento à pessoa vitimizada com a manutenção de um centro de produção de dados e monitoramento sobre esse tipo de violência. Os dados coletados permitiram a elaboração de trabalhos acadêmicos sobre alguns aspectos da violência antigay no estado do Rio de Janeiro. Hoje, esse serviço não tem mais existência institucional.

Por fim, temos as pesquisas de vitimização realizadas no contexto das Paradas do Orgulho LGBT em algumas capitais brasileiras<sup>1</sup> – Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife - que vem assumindo nos últimos anos o caráter de uma manifestação de massa das mais significativas no âmbito da sociedade moderna. Essas paradas levam milhares de LGBT, e mesmo heterossexuais, às ruas como uma forma de resistência e repúdio às atitudes repressivas da

---

<sup>1</sup> Além das pesquisas realizadas pelos esforços do Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) com instituições como o Grupo Arco-íris (GAI), observamos iniciativas semelhantes em outras capitais brasileiras quanto a realização das pesquisas de vitimização, tal como em Belém do Pará. Nessa capital, a pesquisa de vitimização é realizada pelo Grupo de Estudos em Pesquisas Estatísticas e Computacionais (GEPEC) e o Laboratório de Sistemas de Informação e Georeferenciamento (LASIG), ambos ligados à UFPA.



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

heteronormatividade<sup>2</sup>, propondo alternativas para superação da mesma (CARRARA, 2003; 2005; 2006). Essas pesquisas trazem blocos específicos de questões acerca das agressões, bem como das formas de discriminação sofridas pelo conjunto da população LGBT. Cabe destacar, no entanto, que essas pesquisas limitam-se a uma determinada nuance da homossexualidade, representada por aquelas pessoas que frequentam as paradas, não refletindo fidedignamente, a totalidade das violências nas quais estão submetidos esse grupo. Títulos criminais como homicídios, por exemplo, não aparecem, por razões lógicas, nas estatísticas geradas com essas pesquisas.

A importância dessas iniciativas reside justamente na publicização de um problema recorrente na sociedade brasileira na qual a negação de direitos às pessoas LGBT vem ao longo dos anos se constituindo em um espaço de grandes tensões, sobretudo na esfera pública. Apesar da importância dessas pesquisas, podemos afirmar que poucos são os estudos que tentam dar conta das diferentes nuances da violência contra LGBT, sobretudo quando relacionada aos impactos subjetivos

da exposição à homofobia na saúde mental de jovens LGBT.

Soliva e Silva Júnior (2014), ao analisar as narrativas de violência de 20 jovens estudantes universitários, revelam mecanismos importantes através dos quais o sofrimento é operado na trajetória de vida desses jovens. O sofrimento psíquico se expressa em silêncios e dificuldades de lembrar, mas, sobretudo, na forma como esses jovens pensam suas existências e exercem sua sexualidade. Alguns dos jovens entrevistados pelos autores narraram sofrer de depressão e ter dificuldade de se relacionar sexualmente em função do medo incutido em suas personalidades acerca da homossexualidade.

Em pesquisa sobre a relação entre estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade, Rios *et al.* (2018) evidenciam uma relação entre ter sofrido violência e discriminação em função da orientação sexual e a experiência da depressão. Segundo dados dos autores, dos jovens de idade entre 18 e 38 anos entrevistados, 76,6% narraram significativamente mais depressão. Outro dado marcante da amostra desses autores diz respeito à performance (ou que os autores chamam de estilo corporal) dos jovens entrevistados. Considerando esse marcador, Rios *et al.* (2018), identificaram uma relação

---

<sup>2</sup> Entendemos por Heteronormatividade um conjunto de mecanismos de controle que se inscrevem nos mais distintos níveis sociais, fazendo com que as percepções construídas em torno da heterossexualidade sejam legitimadas pelo conjunto da sociedade. Essas percepções estão atreladas a uma visão dicotomizada da experiência humana que tem a sua base no binarismo sexual.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

entre ser efeminado e se sentir mais deprimido.

O trabalho de Perucchi, Brandão e Vieira (2014) também chama a atenção para a importância de se analisar a saúde mental de jovens LGBT. As autoras alertam para a insuficiência de pesquisas sobre homofobia intrafamiliar, o que gera, segundo elas, a potencialização dos danos provocados pela discriminação em outros espaços da vida social. Muitos desses danos, analisam as autoras, estão relacionados ao fato desses jovens não poderem contar com suas famílias como rede de apoio. Pelo contrário, é na família que se materializa alguns dos episódios de violência mais marcantes nas trajetórias de vida de jovens LGBT.

Dialogando com estes trabalhos, este *paper* busca analisar os impactos subjetivos da homofobia na trajetória de vida de quatro jovens estudantes universitários autoidentificados como gays. O foco analítico recaiu sobre as relações familiares e a forma como esses jovens manejam seus projetos de vida em meio a dinâmicas de violência, discriminação e tentativas de silenciamento de suas sexualidades.

### **Metodologia**

Esta pesquisa tem uma natureza exploratória e possui uma abordagem

qualitativa. Os dados aqui analisados são baseados em quatro entrevistas realizadas entre agosto de 2018 e novembro de 2018. Essas entrevistas tiveram duração média de uma hora cada com algumas variações pontuais. Os jovens convidados a participarem da pesquisa foram recrutados entre o corpo discente do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Este campus fica localizado na cidade de Santo Antônio de Jesus, considerada a capital do Recôncavo da Bahia, uma cidade com uma vocação comercial bastante expressiva. O CCS oferece os seguintes cursos: Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, Enfermagem, Psicologia, Nutrição e Medicina. O centro foi implantado nesta cidade em 2009, como parte do processo de interiorização do ensino superior no Brasil. A oferta de vagas na medicina data de 2013. Uma característica importante dos cursos oferecidos neste centro é a obrigatoriedade de passarem pelo Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, o chamado “primeiro ciclo” de formação. Neste “primeiro ciclo”, estes alunos/as são submetidos a uma formação com forte influência humanística, na tentativa de imprimir nos futuros profissionais práticas de trabalho em saúde mais humanizadas e integrativas.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

Com relação ao perfil dos estudantes

aqui analisados, todos possuem idade entre 18 e 30 anos. A variação dos cursos foi, ainda, uma preocupação básica na tarefa de escolha, uma vez que a inserção em um dado curso pode expressar distintas formas de vivenciar esse tipo de violência. Quanto à cor dos entrevistados, um se autodeclarou negro e os outros três são brancos. Quanto à classe social desses jovens, todos eram de família de camadas médias. Com exceção de um deles, cuja família era da Região Metropolitana de Salvador, os demais pertenciam a famílias que moravam em cidades do Recôncavo da Bahia. Três moravam em casas alugadas próximas à universidade, e somente um deles ainda morava com a mãe.

Todos os entrevistados foram previamente informados dos objetivos da pesquisa, sendo a identificação dos mesmos, realizada por meio de codificação simples, onde o nome verdadeiro do informante foi substituído por nomes fictícios de forma a assegurar o anonimato e a segurança dos interlocutores envolvidos. As análises foram realizadas em função do conjunto das narrativas, não oferecendo, com isso, a possibilidade de uma identificação qualquer com o interlocutor ouvido.

Com relação à estrutura das entrevistas, seguimos a orientação de um roteiro previamente elaborado, pautado em

discussões realizadas em torno dos objetivos centrais da pesquisa. Cabe ressaltar, no entanto, que o roteiro utilizado na orientação das entrevistas não inviabilizou o diálogo entre os respondentes e o entrevistador, haja vista, serem os mesmos os responsáveis pela circulação de informações mais variadas, servindo o roteiro apenas como um eixo para o direcionamento dos assuntos a serem tratados.

É sabido dos limites de uma pesquisa que toma para si o tema da sexualidade, por mexer com questões pouco exploradas pelos campos de conhecimento, mesmo entre as ciências humanas, tais como a intimidade e o privado. No entanto, a utilização das redes sociais construídas em torno desses jovens possibilitou a inserção dos pesquisadores nos grupos de amigos dos mesmos dentro da universidade facilitando, dessa forma, o acesso aos informantes, que se deu através de indicações dos próprios entrevistados aos pesquisadores.

No curso do trabalho nos deparamos com diferentes questões quanto à coleta das narrativas dos interlocutores e as formas como os mesmos lidaram com a ideia de ter suas intimidades “invadidas” por perguntas que reavivavam experiências passadas e, algumas vezes, detestáveis. A noção de “zona de silêncio” (DAS *apud* PEREIRA, 2010), constituiu importante recurso analítico para



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

compreendermos as trajetórias de violências a que são expostos esses jovens. Das (2011), ao analisar as memórias e testemunhos de violência de mulheres no processo de Partição entre Índia e Paquistão, chama atenção para a persistência dos “muros de silêncio” no trabalho de reconstrução da sociabilidade dessas vidas após a Partição. Ao falar desses muros, a autora nos insita a pensar sobre as diferentes formas através das quais as vozes femininas emergiram em um contexto de violência, nos alertando sobre a sutileza dos “dizeres do silêncio” (Pereira, 2010), onde essa voz nem sempre surge do “dizer”, mas do “mostrar”.

Dialogando com as ideias de Das (2011), este trabalho propõe refletir não somente sobre o que esses jovens se dispuseram narrar, mas, principalmente, no que desejaram “mostrar” no curso das entrevistas. É nesse sentido que seus corpos, silêncios, performances e toda uma “estética de gestos” (DAS, 2011) constituíram marcadores centrais na forma como foram realizadas essas entrevistas.

### **Homofobia, família e sofrimento psíquico**

No livro *Homofobia: história e crítica de um preconceito*, Daniel Borrillo (2010) analisa o funcionamento dos processos sociais e simbólicos que estão na base das situações

de discriminação contra homossexuais ao longo de diferentes épocas, a maneira como este preconceito se mantém nos dias de hoje e, por fim, denuncia o sofrimento que a homofobia gera nas vidas dessas pessoas. Borrillo (2010) afirma que o repúdio às relações entre pessoas do mesmo sexo se torna mais evidente após a instauração das bases ideológicas judaico-cristãs por meio da igreja católica, período em que o pecado da sodomia era castigado e pago com a vida. O livro também destaca as fronteiras impostas à tolerância da homossexualidade nos diferentes meios sociais, evidenciando os limites desse processo no tocante a negociação da visibilidade das relações homoafetivas. Exigências como aquelas que afirmam que afetos e carinhos entre pessoas do mesmo sexo sejam reservadas aos ambientes privados reforçam a exclusão e a invisibilidade. Para Borrillo (2010), a homofobia tem o poder de demarcar a fronteira entre homossexualidade e heterossexualidade, preservando uma hierarquia sexual que confere privilégios aos últimos em detrimento dos primeiros. A homofobia também pode ser entendida como um marcador referido à vigilância das fronteiras de gênero, sendo reforçada a todo o momento no intuito de evitar que algo/alguém saia da ordem.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Ao falar das pessoas que

experimentam esse preconceito, Daniel Borrillo (2010) analisa a especificidade do sofrimento dessas vítimas. Diferente de outros tipos de discriminação, as pessoas LGBT passam por um processo de “dor solitária”. É comum que, na fase inicial dos ataques, a vítima não tenha suporte para lidar com essa situação. Em situações de violência, a família costuma ter um papel fundamental de acolhimento e apoio. Isso fica evidente em situações de racismo, por exemplo, no qual todo o grupo familiar compartilha a dor da discriminação. No entanto, no caso da homofobia, a percepção da solidão diante da violência torna-se evidente diante de um contexto onde a família é um dos principais perpetradores desse tipo de violência. Nesse sentido, a solidão e o silêncio são importantes sentimentos que conferem intelegibilidade às vidas de jovens LGBT.

No conjunto das narrativas, o silêncio constituiu uma estratégia central na forma como os pais dos jovens entrevistados lidaram com a ideia de que havia algo “errado” no comportamento desses jovens. A gestão deste silêncio constituiu o gatilho para sensações de medo, depressão, isolamento e ansiedade entre esses jovens. Diego, 23 anos, não negro, pertencente a uma família de camadas médias

de uma cidade do Recôncavo da Bahia<sup>3</sup> e aluno do BIS (Psicologia) disse que a reação dos seus pais ante ao seu comportamento se expressava de duas formas: a mãe dizia que ele era um “menino sensível” e o pai mantinha o silêncio diante das conversas dos demais parentes acerca dele. Segundo ele, a noção de “menino sensível” o ajudou a manejar sua performance com mais segurança, sobretudo na escola. Ser um “menino sensível” implicava ainda ser um menino (heterossexual), fato que colaborou para que ele acreditasse que estava dentro das convenções do que era “ser homem”, ainda que de forma não ortodoxa. Diego se apaixonou por várias meninas na escola, até que se viu diante do interesse afetivo por outros rapazes.

Esse interesse suscitou sentimentos ambíguos em Diego. Esses sentimentos o encorajaram a falar dos seus interesses afetivos com parentes mais próximos, como uma prima que era lésbica. Neste contexto, Diego começa a se perceber como bissexual, o que, segundo ele, o ajudou a aceitar seus desejos sexuais por homens. No caso de Diego, se perceber como bissexual foi uma estratégia primária de revelar-se e entender-se diante de uma sexualidade não heterossexual. Apesar de não ter se pensado como bissexual, Maurício narra também ter namorado algumas

<sup>3</sup> Decidimos não revelar as cidades de origem desses jovens para evitar a sua identificação.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

meninas na perspectiva de “tentar” se adaptar às expectativas de gênero.

Maurício tem 25 anos, não negro, acaba de terminar o BIS e aguarda vaga para ingressar no segundo ciclo do curso de medicina, na UFRB. Segundo ele, a relação com sua mãe sempre foi muito fechada. Em relação a sua sexualidade, ele disse que sua mãe nunca deu espaço para que ele pudesse expressar algo. Seus pais são separados e sua mãe, servidora municipal, é a responsável pelo seu sustento. Maurício é o único jovem com quem tivemos contato que ainda mora com a mãe. A revelação de sua homossexualidade à mãe veio em um contexto de paixão por outro rapaz. Para evitar o monitoramento constante dela em relação aos seus horários e companhia, Maurício decide contar e é encorajado pela mãe a procurar o pastor de sua igreja, tendo rejeitado.

Percebemos que a chamada “bissexualidade passageira” acabou por gerar expectativas entre os pais desses dois jovens. Tanto na narrativa de Diego quanto na de Maurício, os pais se mostraram resistentes diante do anúncio da homossexualidade por esses jovens. Aparentemente, na perspectiva desses pais, a homossexualidade seria algo contornável, só uma fase, já que eles (os filhos) já teriam tido experiências sexuais

com meninas, um indicativo de que “nada está errado” com eles.

Roberto, 23 anos, negro, de uma família moradora da Região Metropolitana de Salvador, aluno do curso de medicina (já tendo terminado o BIS), também ressalta em sua trajetória a forma como o silêncio regula a sua relação com os pais. Ele fala: “Minha mãe sabe, mas finge demência, e eu acho que meu pai também. Ainda bem!”. Aparentemente, na trajetória de Roberto, o silêncio dos pais acabou por beneficiá-lo. Segundo ele, a autoconsciência da homossexualidade foi uma coisa natural em sua vida, entre nove e dez anos, afirmou. Segundo ele, nunca passou por este processo de “lutas internas”, de negação, como narrado por colegas seus. Ainda que se perceba como gay desde muito cedo, expressar-se para os pais nunca foi uma necessidade. Para ele, revelar a homossexualidade para os pais só é cogitada diante de um relacionamento estável:

Eu só vou contar quando tiver num relacionamento estável, entendeu? Acho que até lá. [o pesquisador questiona sobre este ponto]. Porque eu acho que antes não tem necessidade, entendeu? Eu não vou trazer uma pessoa para minha vida, entendeu? Tanto é que eu não costumo apresentar as pessoas que eu fico para os meus amigos, entendeu?

Já para Diego a necessidade de falar se impõe. Diante do silêncio dos pais e da dificuldade de encontrar o momento propício para revelar sua homossexualidade, Diego passou a fazer postagens nas redes sociais que





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

levassem os parentes a ficarem cientes acerca de sua orientação sexual. Sua vontade era que de fato os parentes ficassem sabendo para que alertassem seus pais, de forma a provocar um momento com eles onde pudesse romper seu silêncio.

Se para o conjunto desses jovens, o silêncio foi central para estruturar as suas relações familiares, o medo também constituiu um sentimento importante que marcou a subjetividade e as escolhas desses jovens. O medo de ser revelado, de que estava fazendo algo errado e a autocensura foram sensações que, para Roberto, tiveram impacto negativo na sua subjetividade, materializando sofrimentos e culpas que vivenciou ao longo de sua adolescência.

Na trajetória de Roberto este medo se expressou, sobretudo na autocensura de suas experiências de masturbação na adolescência, momentos em que revela ter sentido muita culpa após gozar usando fotos de meninos para se excitar. O “sentimento de culpa” parece estar associado a este momento inicial de incertezas pelas quais passam esses jovens. No estudo de Leandro de Oliveira (2013) sobre a relação entre homens gays e famílias de origem, o sentido da culpa estaria diretamente relacionado à quebra das expectativas dos pais acerca das “escolhas” dos filhos. Ao perguntar a Roberto sobre os motivos dessa culpa, ele revelou uma

dificuldade de refletir sobre esses motivos. Depois de refletir, Roberto chegou à conclusão de que essa culpa poderia estar associada a sua formação religiosa (católico), a qual é compartilhada por sua família.

Para Diego, o medo de ser percebido mobilizava esforços de se esconder e de negar alguns prazeres, como dançar na escola. Na tentativa de não aparecer, Diego tentava masculinizar seu comportamento buscando estratégias de rejeição de práticas tidas como femininas em seu cotidiano. Na sua escola, a dança era uma atividade lúdico-pedagógica, algo que Diego via como uma forma de expressar sua dor, mas que logo foi desestimulada pelos pais. Este investimento de masculinização implicava custos psíquicos que, no caso de Diego, se expressavam na tristeza cotidiana, na sensação de depressão e no isolamento.

O medo também condicionou as escolhas de Maurício frente a sua família, sobretudo sua mãe, como podemos perceber na fala abaixo:

Eu me sentia muito infeliz por que eu estava fazendo uma coisa... eu tava, eu não tava seguindo o que eu queria ser, eu não estava fazendo as coisas que eu queria porque eu tinha medo da sociedade, eu tinha medo da minha mãe, eu tinha medo da minha família. Eu vivia praticamente bastante com medo um bom tempo.

Os medos de Maurício se relacionam ao processo que Pecheny (2004) chamou de “discriminação antecipada”, ou seja, situações



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sociais nas quais esses jovens anteveem atos de discriminação e condicionam suas ações a partir dessa previsão. No caso de Maurício, ele tinha receio de ser expulso de casa em função de a sua mãe ser evangélica. Esse medo foi central na forma como ele se relacionava com a sua sexualidade e administrava sua vida.

A tensão envolvendo a escolha da carreira universitária foi outro dado que também apareceu na narrativa de alguns desses jovens. Diego disse que ao terminar o Ensino Médio, sua vontade era ingressar logo no Ensino Superior, um sonho que nutria desde a escola. Sua mãe logo o alertou que deveria fazer concurso público para a Polícia Militar, posto que ela já era policial e muitos outros membros da família também eram. Não foi concedida a Diego outra possibilidade de carreira. Sua mãe foi taxativa ao afirmar que somente o ajudaria materialmente se sua escolha fosse o concurso da polícia. Ele passou no concurso, e com a autonomia financeira em relação à família pôde ingressar na UFRB no curso que planejava.

A história de Maurício também nos ajuda a refletir sobre a forma como a homossexualidade tencionou suas escolhas acadêmico-profissionais. Seu ingresso na UFRB se deu pelo CETEC em Cruz das Almas, *campus* da UFRB que oferece cursos na área das ciências exatas. Segundo

Maurício, sua escolha pelo Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas se deu pelo fato dele acreditar que este constituía um “curso de homem”. Nos seus planos íntimos, tinha pensado fazer o curso de cinema, no CAHL, UFRB, mas certamente seria desestimulado por sua mãe. Sua passagem rápida pelo CETEC foi marcada por episódios marcantes de violência verbal, o que, dentre outros motivos, o fez desistir do curso. Sua vinda para a saúde foi através do curso de nutrição, visto com maus olhos pela mãe. Tendo passado para o BIS e com possibilidades de ingresso na medicina, sua mãe, na expectativa de ter um filho médico, ofereceu todo o suporte necessário para que Maurício estudasse, incluindo suporte emocional – acolhendo as tristezas de Maurício em episódios em que tirava notas baixas, por exemplo. Segundo ele, foi o único momento de sua vida até então que pôde sentir sua mãe mais próxima.

As falas de Maurício acerca de sua vinda para a área da saúde nos permite inferir sobre algumas questões. Uma delas diz respeito ao peso simbólico do curso de medicina e a forma como sua mãe suavizou os controles em relação a sua vida. A possibilidade de ser médico neutralizou de certa forma o estigma associado à homossexualidade, fazendo com que sua mãe investisse suas expectativas nesta



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

possibilidade e momentaneamente se esquecesse da sua sexualidade. Isto permitiu que Maurício tivesse momentos de prazer e conforto experimentados graças à descoberta de amigos com interesses semelhantes no Centro de Ciências da Saúde (CCS).

Se para Maurício a vinda para área da saúde foi central no processo de se afirmar como gay (de certa forma com a colaboração de sua mãe), para Carlos o ingresso no CCS constituiu um retorno para o “armário”. Carlos, não negro, 23 anos, pertencente a uma família de camadas médias de um município do Recôncavo da Bahia, aluno do BIS (Nutrição), ingressou no Ensino Superior através do Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL), UFRB, no curso de artes visuais. No CAHL, ele teve contado com um grupo de sociabilidade gay onde pode vivenciar experiências transgressoras relacionadas a gênero e sexualidades. Vindo para a área da saúde, Carlos revela ter sentido uma diferença muito grande entre os seus amigos anteriores e os colegas que começava a reunir.

As minhas relações foram muito difíceis aqui no CCS, porque todas as pessoas que eu me relacionei eram pessoas que não tinha a sexualidade assumida. E pra mim... que eu tenho a sexualidade desde muito cedo, isso sempre foi um trauma muito grande porque eu sempre tinha que voltar pra aquele lugar de anonimato porque eu estou me relacionando com uma pessoa que não é assumida.

A narrativa de Carlos expressa um desalento com sua atual situação acadêmica. Ao falar de sua vida, ele disse que o isolamento sempre constitui uma estratégia através da qual ele “habitou o mundo” (DAS, 2011). A experiência no CAHL permitiu que ele ampliasse suas possibilidades de existir: a sensação de isolamento foi momentaneamente suspensa, mas ela retorna na sua experiência com o CCS. Um espaço onde supostamente esses jovens estão mais “dentro do armário”. Esta mesma ideia do CCS como espaço de “gays encubados” é expressa por Roberto para falar de sua experiência neste espaço.

Se para Carlos, o CCS representou uma ruptura dramática no seu processo de construção como jovem gay, para Diego, Roberto e Maurício ele se constituiu como um espaço de exercício de liberdades antes não possíveis ou até mesmo imaginadas. Eles chegaram a afirmar que foi no CCS que começaram a se reconhecer como gay. Essas narrativas combinam com pesquisas realizadas com jovens estudantes universitários identificados como LGBT (SOLIVA E SILVA JUNIOR, 2014), as quais afirmam ser na universidade – através do acesso a amigos com experiências iguais, grupos de convivência, material bibliográfico, professores, etc. – que estes jovens iniciam de forma mais saudável o exercício da homossexualidade.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Um dado que achamos importante

considerar neste estudo diz respeito às marcas que esse sofrimento proporcionou na subjetividade desses jovens. As relações com os familiares, sobretudo o pai e a mãe são centrais para a compreensão destas marcas e a forma como esses jovens “habitam o mundo” (DAS, 2011).

Diego ao falar dos sentimentos que mobiliza quando pensa sobre seus pais combina tristeza e frustração. Ele chama a atenção que a falta de um ambiente acolhedor tanto em casa quanto na escola o levou a uma sensação de tristeza e vazio.

A vontade de desaparecer, sumir, se suicidar em função das tensões experimentadas em casa apareceu na narrativa de um dos jovens entrevistados. Esse sentimento esteve profundamente relacionado à relação desse jovem com sua mãe, como fica evidente na fala que se segue:

Este dia mesmo, quando minha mãe falou que preferia um filho morto ou morrer, eu, sinceramente, cogitei todas as possibilidades. Mas... não vou fazer isso não, não vou dar este gosto.

A tensão com a mãe desencadeou uma relação tão insuportável que fez Maurício refletir sobre a possibilidade de realizar o que sua mãe lhe sugeria na briga. Esta possibilidade só foi revista à luz da ideia de que sua morte poderia facilitar a vida de sua mãe, coisa que ele não queria fazer. Ao falar de sua relação com sua mãe, Maurício

evidencia uma gramática do “mostrar” plena de sentimentos que combinam tristeza, dificuldade de narrar, dor e “afetos desconfortáveis” (OLIVEIRA, 2013).

### Considerações finais

Este trabalho apresentou dados preliminares de uma pesquisa cujo foco é a relação entre homossexualidade, família e sofrimento psíquico. Os dados analisados foram baseados nas trajetórias de vida de quatro jovens estudantes universitários do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Santo Antonio de Jesus, Bahia.

As narrativas evidenciaram a centralidade das relações familiares na forma como esses jovens manejaram suas escolhas e projetos de vida. As relações com os pais e mães também foram estruturantes na maneira como eles administraram a sua sexualidade. Situações de sofrimento psíquico e de “afetos desconfortáveis” (OLIVEIRA, 2013) constituíram o pano de fundo através do qual esses jovens “habitam o mundo” (DAS, 2011).

À luz das contribuições de Das (2011) acerca da relação entre violência e subjetividade, as trajetórias desses jovens nos permitem perceber o quanto o “trabalho do tempo” exerce um papel ativo na forma como



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

eles elaboram um “discurso de reparação” sobre suas relações familiares. Este “discurso de reparação” está profundamente relacionado ao esforço cotidiano desses jovens em reescrever suas relações familiares, produzindo novas formas de convivências com esses pais e mães após a descoberta da homossexualidade.

Este “trabalho do tempo” foi fundamental para Carlos e sua mãe. Após a revelação da homossexualidade para sua mãe, Carlos nos disse que ela mergulhou em um silêncio profundo, algo que só recentemente tem sido rompido com a persistência de Carlos em colocá-la em sua vida.

A possibilidade de reconstruir essas relações reposiciona esses jovens nas relações familiares. Eles passam, a partir do sofrimento, a reelaborar seus projetos de vida e manejar diferentes formas de “habitar o mundo” (DAS, 2011).

### Referências

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia; CAETANO, Marcio. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 8º*

*Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2003*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

\_\_\_\_\_; RAMOS, Sílvia. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

\_\_\_\_\_*et cols.* *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – São Paulo, 2005*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 37, Jul.-Dez., pp. 9-41, 2011.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. *Matei por que odeio gay*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

OLIVEIRA, Leandro de. *Os sentidos da aceitação: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

PECHENY, Mário. “Identidades discretas”. In: RIOS, Luiz Felipe *et al.* (Orgs.). *Homossexualidade: produção cultural*,



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

*cidadã e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA,  
2004.

*Sociedad: revista latinoamericana*, Rio de  
Janeiro, n. 17, pp. 124-148, 2014.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência,  
gênero e cotidiano: o trabalho de Veena Das.  
*Cadernos Pagu*. Campinas, n. 35, Jul.-Dez.,  
pp. 357-369, 2010.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune  
Coelho; VIEIRA, Hortência Isabela dos  
Santos. Aspectos psicossociais da homofobia  
intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e  
gays. *Estudos de Psicologia*. Natal, v. 19, n.  
1, p.67-76, 2014.

RAMOS, Silvia; CARRARA, Sérgio. A  
constituição da problemática da violência  
contra homossexuais: a articulação entre  
ativismo e academia na elaboração de  
políticas públicas. *Physis*, Rio de Janeiro,  
v.16, 2006.

RIOS, Luís Felipe *et al.* “Foi como se eu  
tivesse visto a morte”: estigmatização,  
sofrimento psíquico e homossexualidade.  
*Laplage em Revista*, Sorocaba, v. 04, n. 01,  
Jan.-Abr., pp. 140-158, 2018.

SOLIVA, Thiago Barcelos; SILVA JUNIOR,  
João Batista. Entre revelar e esconder: pais e  
filhos em face da descoberta da  
homossexualidade. *Sexualidad, Salud y*